

Privilegiando o coletivo: a diluição das fronteiras entre o público e o privado

Inara de Oliveira Rodrigues

Um aspecto sempre salientado nos estudos sobre o Neo-Realismo literário português é o seu direcionamento à construção de narrativas em que as personagens, suas ações e interações, bem como suas órbitas espaço-temporais, são erigidas privilegiando o caráter do coletivo sobre o individual. As razões para esse privilégio estão ancoradas nas prerrogativas ideológicas do movimento neo-realista, ou seja, na intencionalidade estético-política de um humanismo renovado, que tem por base a noção de solidariedade e organização coletiva dos despossuídos como fundamentais para a transformação da realidade social.

Por essa intencionalidade estético-política, no entanto, não se deve pensar que foi eliminada do horizonte da ficção narrativa a individualização de figuras particulares no universo diegético, pois

essa individualização e o destaque que ela envolvia não se moldavam pelos princípios que norteavam, por exemplo, as práticas presentistas, justamente condenadas pela hipertrofia da personagem e por uma certa carga de excepcionalidade que levavam a postergar da história elementos de natureza social. Com o Neo-Realismo, esses elementos adquirem, como se sabe, um relevo crucial e assumem, ao nível da elaboração da personagem, a configuração de um processo de integração do individual no coletivo.¹

A questão da elaboração das personagens no âmbito da criação literária neo-realista é um dos pontos que suscitou grande controvérsia entre os críticos. Para alguns, o problema do esvaziamento psicológico dos atores narrativos é encarado como a pior falha dos

¹ REIS, Carlos. *O discurso ideológico do Neo-Realismo português*. Coimbra: Almedina, 1983, p. 158.

romances neo-realistas, mas, para outros, esse esvaziamento nunca foi procedente tratando-se, sim, de um redimensionamento da análise psicológica de forma a garantir sua tradução como parte dos fenômenos sociais.

Quando, a partir de fins da década de quarenta, o romance neo-realista estrutura-se por uma maior abrangência de elementos psicológicos presentes na construção das personagens, o embate da crítica verifica-se novamente em dois caminhos: seus detratores enquadraram essa abrangência como uma distorção dos princípios originais do movimento, considerando tal momento como uma séria crise em direção a seu fim; seus defensores entenderam esse novo processo como uma maior qualificação estética dos princípios norteadores do Neo-Realismo, que, de modo algum, estariam sendo postos de lado. Ao contrário, segundo Ana Paula Ferreira:

A inquestionável diferença evidenciada pelo confronto de obras típicas dos anos 30 e 40 e suas manifestações posteriores é explicável, pois, em termos não de um corte radical com o passado da literatura como missão, não de qualquer mera substituição, mas de uma crescente interiorização textual da mensagem ideológica na obra artística.

Deve-se [...] encarar essa diferença na linha de um ininterrupto processo com vistas a uma perfeição artística que pressupõe como critério essencial a comunicação do denominador comum, e ainda inabalável num tempo de ceticismo ideológico, da visão marxista da História.²

Nesse contexto, em que se busca a *perfeição artística* aliada à *visão marxista da História*, uma das obras de Alves Redol mais representativa, paradigmaticamente, é, sem dúvida, o *Ciclo Port-Wine*. O primeiro volume da trilogia, *Horizonte cerrado*, foi lançado em 1949, seguindo-se *Os homens e as sombras*, de 1951, e completando-se com *Vindima de sangue*, publicada em 1953.

Resgatar a saga do povo da região do Douro, responsável pela produção do vinho do Porto, tão apreciado pelos ingleses (daí a designação *port-wine*), é o objetivo central dessa obra. Dando conta do período da vida portuguesa entre os anos de 1907 a 1914, ela retrata a conjuntura econômica, política e social de acordo com o ideário marxista, segundo o qual é a infra-estrutura econômica que determina, em última instância, a história dos homens, cujo motor é a luta de classes. Homens, sempre no plural, pois diante da responsabilidade social da criação de um "mundo novo", toda individualidade passa a ser enfocada a partir de um favorecimento à esfera do coletivo.

² FERREIRA, Ana Paula. *Alves Redol e o Neo-Realismo português*. Lisboa: Caminho, 1992, p. 180-181.

Sendo assim, o ponto de partida é o tema da alienação. Deve-se deixar claro que, a partir do horizonte materialista dialético, a superação da alienação do homem explorado pelo jugo capitalista torna-se possível quando a dominação ideológica é desmascarada pela sua conscientização diante da História. No processo de alienação, contudo, existe ainda um outro aspecto a ser desmascarado, a noção de que a única instância da vida que escapa, ou pelo menos não é tão atingida pelo processo de reificação, é a esfera do privado:

Na esfera "privada" das relações familiares e da amizade – esfera mais distante de toda atividade econômica e mesmo de toda atividade pública – os valores humanos de solidariedade permanecem no entanto menos alterados e a empresa da reificação, ainda que real, é menos acentuada.³

Contra essa afirmação, diz Habermas, em *Mudança estrutural da esfera pública* que:

naturalmente, a família não está livre das coações a que a sociedade burguesa submete como qualquer outra sociedade anterior. A família desempenha exatamente o papel que lhe é prescrito nos processos de valorização do capital. [...] Antes de mais nada, ela serve como uma agência da sociedade, ela assume a tarefa da difícil mediação que, sob a aparência de liberdade, assegura no entanto a estrita observância das inevitáveis exigências sociais.⁴

A partir das proposições de Goldmann e de Habermas, é possível o estabelecimento de uma ligação entre os conceitos de privado = individual e público = coletivo, no que respeita à criação literária neo-realista. A predominância do caráter coletivo nessa criação literária implica o pressuposto de que, mesmo sendo sujeitos de sua própria individualização, os homens só encontram seu potencial de transformação no momento em que têm consciência de sua representatividade social, ou mais radicalmente, de classe. Até as pessoas que não possuem essa consciência ideológica definida, as que atuam prioritariamente movidas por interesses pessoais,⁵ na circunscrição da esfera privada, vêem esses interesses e essa atuação repercutirem diretamente na coletividade, revestindo-se como ações direcionadas à esfera pública. Dessa forma, na ordem do

³ Apud GOLDMANN, Lucien. *Dialética e cultura*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991, p. 129.

⁴ HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984, p. 63-64.

⁵ Cf. FERREIRA, Ana Paula, esse é o caso dos protagonistas da trilogia redoliana. Op. cit., nota 2, p. 192.

âmbito privado/individual, permanece o caráter público/coletivo das relações humanas, acentuado pelas considerações transcritas de Habermas – o aparente reino da liberdade, que seria o seio familiar, na realidade atua como mediador/estabilizador das estruturas sociais exteriores.

Na verdade, o estudo sobre as categorias de público e privado significa o percurso de um terreno arenoso e isto por dois motivos principais que se traduzem em problemas metodológicos: primeiro, as análises procedidas nesse campo estão dispersas em fontes díspares de interesses, desde análises históricas, filosóficas até as propriamente sociológicas, no que muito contribuiu, inclusive, os estudos feministas. A própria formulação desse problema exige um tratamento interdisciplinar para o assunto, que *O declínio do homem público* – as tiranias da intimidade, de Richard Sennett,⁶ a já citada obra de Jürgen Habermas e a coleção *História da vida privada*,⁷ no caso, os volumes quatro e cinco, podem propiciar.

O enfoque media-se, respectivamente, por duas orientações predominantemente sociológicas e uma de cunho histórico e essa opção deve-se, sobretudo, ao reconhecimento consagrado dessas obras que, apesar de debruçarem-se sobre objetivos muito específicos, permitem um conhecimento mais genérico e abrangente da questão. Por esse prisma genérico e amplo, entende-se por *privado* o âmbito das ações humanas circunscritas ao ambiente familiar, à intimidade das amizades e à soberania individual,⁸ sendo o *público* o espaço de ação social onde os vínculos de associação e de compromisso mútuo existem entre pessoas que não estão unidas por laços de parentesco ou associações íntimas: “é o vínculo de uma multidão, de um ‘povo’, de uma sociedade organizada, mais do que vínculo de família ou de amizade”.⁹ Colocados dessa maneira, realça-se a ligação positivamente complementar entre ambos os conceitos – mas, carregados de historicidade, essa ligação pode-se fazer até mesmo negativa e excludente.

⁶ SENNETT, Richard. *O declínio do homem público – as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

⁷ ÁRIES, Philippe e DUBY, Georges (org.). *História da vida privada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v. 4 e 5.

⁸ De acordo com Helena Béjar, “la privacidad es, así, una porción del campo fenomenológico de la persona; por tanto, es inevitable definirla através de analogías espaciales – ‘esfera’, ‘âmbito’, ‘límite’, ‘umbral’, etc. – cargadas de contenido metafórico”. In: REYES, Roman. *Terminología científico-social – aproximación crítica*. Barcelona: Anthropos, 1988. p. 784-785. Por extensão, essa mesma inferência dá sentido ao dimensionamento da esfera pública, enquanto pólo oposto da atuação privada do indivíduo.

⁹ Sennet, op. cit., nota 6, p. 16.

O segundo problema metodológico: nenhuma dessas fontes trata especificamente a vida portuguesa. A saída foi, então, resgatar dessas mesmas obras as analogias possíveis ao caso português, pois em todas prevalecem análises dirigidas às situações vivenciadas pelas potências europeias a partir do século XVIII, especialmente França e Inglaterra.

Julgamos necessário sublinhar, contudo, que não faz parte do horizonte temático deste trabalho uma perspectivação dessas categorias/conceitos para além do exame de suas relações, no âmbito de sua presentificação nos romances neo-realistas que compõem a trilogia redoliana. Nesse sentido, busca-se afirmar que, na construção dessas narrativas, tais relações, enquanto fronteiras de atuação social, são deliberadamente diluídas. Dito de outro modo, a questão reside em demonstrar o quanto se insurge a esfera pública (como espaço de atuação coletiva) na esfera do privado, em meio à ação das personagens de Alves Redol no *Ciclo Port-Wine*.

Para isso, uma primeira observação necessária diz respeito ao caráter histórico das categorias público e privado, pois elas sofrem grandes mudanças de acordo com as variadas conjunturas históricas. De origem grega, quando se mantinha uma nítida e forte separação entre o espaço do público e do privado, essas categorias, que nos foram transmitidas em sua versão romana, já nos tempos medievais não possuíam uma divisão de domínios da vida social, reconfigurando-se, novamente, na época de afirmação do Estado moderno, quando então se dá o apogeu do equilíbrio entre ambas.¹⁰ Ao longo do século XIX, porém, esse equilíbrio seria rompido por uma decadência da vida pública, seja pela afirmação da personalidade como instância mediadora e valorativa das relações sociais, a qual não permitiria mais o distanciamento necessário do “eu” para uma plena configuração da *res publica*;¹¹ seja pelo crescimento do aparelho estatal e das forças representativas da hegemonia burguesa que retirariam da esfera pública seu caráter de intermediação no circuito do poder.¹² É como uma progressão dessa decadência da esfera pública que adentramos no século XX, no momento de afirmação e expansão da sociedade burguesa nos tempos pós-industriais.

¹⁰ Para um maior aprofundamento do histórico dessas categorias consultar, principalmente, a obra aqui citada de Habermas (nota 4).

¹¹ Cfe. Sennett, op. cit., nota 6, quando se confirma a *tiranias da intimidade*.

¹² Habermas, op. cit., nota 4.

Sem perder de vista a base ideológica que sustenta a obra literária neo-realista, pode-se afirmar que o processo de progressivo esvaziamento da vida pública foi também criticado pelo marxismo. Através do mesmo princípio da fetichização da mercadoria, de acordo com o ideário marxista, a estrutura social mantida pela burguesia implementa a troca da representação social pela da apresentação – em lugar do *ser* perante algo, afirma-se o *parecer*, favorecendo o sempre crescente *status* dos dominantes, por seu poder patrimonial e de consumo, e possibilitando a desarticulação de ações efetivas de representatividade dos dominados. A *privatização* da vida social é, então, traduzida como mais um domínio ideológico ao retirar o foco dos conflitos sociais da luta de classes e incorporá-lo no seio de prerrogativas individualizantes, isto é, ergue-se a noção da competitividade individual como única baliza para o sucesso pessoal.

Porém, seguindo o materialismo dialético, não se trata de negar a esfera de autonomia do indivíduo, nem de entender o processo de dominação burguesa como pura vitimização imposta às classes desfavorecidas; trata-se de erguer o homem privado enquanto agente histórico e público. Trata-se de qualificar a individualidade humana pela sua capacidade de atuação coletiva – é nesse sentido que se fala da diluição das fronteiras entre público e privado: não pela sua extinção, mas por sua permanente interpenetração.

No caso da trilogia redoliana, essas considerações são confirmadas por uma questão que novamente toma vulto, ou seja, pela própria deliberação autoral de construção de uma narrativa que têm por objetivo resgatar a luta coletiva de um povo, como é o caso dos durienses, dos pequenos vinicultores produtores do apreciado *vinho-port*. Mais ainda, essa luta dimensiona-se em um cenário rural, o que implica novas observações, agora concernentes a um outro elemento diegético fundamental da obra romanesca neo-realista, que é o espaço:

O espaço constitui, em toda narrativa que se pretende realista, um âmbito merecedor de especiais cuidados, quer por propiciar a concentração de fatores de verossimilhança, quer pelas conexões que com ele estabelecem outros elementos diegéticos, quer pelas suas virtualidades de representação social e ideológica. Ora, no contexto do Neo-Realismo, essa importância surge reforçada e cruzada com as motivações socioculturais que presidiram à implantação do movimento e que naturalmente condicionaram tanto a seleção dos cenários como o tratamento a que eles foram sujeitos.¹³

¹³ Reis, op. cit., nota 9, p. 166.

Essa seleção acabou por privilegiar os espaços de extração rural, tanto em função de sua maior aptidão para enquadrar “(de forma mais clara e impressiva do que os urbanos) contradições econômicas e sociais, patentes nesses cenários”,¹⁴ quanto pela possibilidade de conferir às personagens que os povoam uma “consciência de classe que elas não possuíam, carência que o tema da alienação insistentemente acabará por evidenciar”.¹⁵ Além disso, porque os neo-realistas entendiam como necessário a desmitificação desse espaço rural diante da maneira como era encarado pela tradição literária estruturada pelo regionalismo romântico.

Destaca-se, assim, a especificidade do cenário privilegiado na composição da trilogia redoliana: a região do Alto Douro, região camponesa delimitada por suas próprias tradições mas, ao mesmo tempo, em sintonia direta com o mercado mundial por sua produção vinícola. Se, no transcorrer da narrativa dos três romances que compõem o *Ciclo Port-Wine*, esse espaço é amplamente alargado (pelas incursões aos mais variados palcos internacionais)¹⁶, esse alargamento tem sempre em vista as relações com a situação portuguesa, especialmente com os aspectos econômicos que dizem respeito à produção agrícola tal qual se desenrola a partir do cenário duriense. Limitando-se a esse centro localizado da intriga romanesca do *Ciclo de Alves Redol*, depara-se com outras problematizações.

Em primeiro lugar, a dicotomia público/privado normalmente está associada à vida urbana:

La vida en la metrópolis suele llevar consigo la separación entre el lugar de residencia y el lugar de trabajo, lo cual posibilita el desarrollo de la vida privada como ámbito de libertad, lejos de las responsabilidades y normas propias de la vida pública. [...] En lo que respecta al origen teórico del concepto, hay que decir que la privacidad es sólo posible en condiciones de *Gesellschaft*, es decir, en un orden social que ha dejado atrás las constricciones propias de la vida comunitaria (o *Gemeinschaft*).¹⁷

¹⁴ Idem, *ibidem*, p. 169.

¹⁵ Idem, *ibidem*, p. 168.

¹⁶ O que se verifica sobretudo em *Vindima de sangue*, e, segundo Alexandre Pinheiro Torres, em *Os romances de Alves Redol*, causou prejuízos estéticos à obra por apresentar-se como uma “montagem, sempre esquemática, através de uma rápida sobreposição de planos, numa viagem estrutural que constituiu um desvio violento em relação à montagem bem desenhada dos dois primeiros volumes do *Ciclo* [...]”. [Lisboa: Moraes, 1979, p. 217].

¹⁷ Béjar, op. cit., nota 8, p. 784.

Esse contraste entre a vida em comunidade e a vida em sociedade foi retratada, de acordo com Sennett, pelo sociólogo Ferdinand Tönnies:

Para ele, *Gemeinschaft* existira no mundo pré-capitalista e pré-urbanizado do final da Idade Média, ou nas sociedades tradicionais. *Gemeinschaft*, a plena e aberta comunicação emocional com os outros, só é possível numa sociedade hierárquica. As relações de *Gesellschaft*, ao contrário, são apropriadas à sociedade moderna, com sua divisão de trabalho e suas classes instáveis, ao invés dos *stati* fixos. Aqui, as pessoas aplicarão o princípio da divisão do trabalho a seus próprios sentimentos, de maneira que a cada encontro que tiverem com outras pessoas engajar-se-ão apenas parcialmente.¹⁸

No caso do *Ciclo Port-Wine*, encontra-se justamente uma situação que pode ser pensada como uma transição entre essas duas formas de realidade social: ao serem protagonizados os elementos da vida aldeã do Alto Douro português, é retratado um espaço social em que a divisão entre as esferas do público/privado não ficam efetivamente demarcadas pela própria natureza desse espaço, onde a família ainda é predominantemente extensiva e o lugar de trabalho muitas vezes se confunde com o local de moradia. Também se pode falar de transição, porque esse recorte do mundo rural português já se encontra mergulhado nas estruturas capitalistas de produção.

Em segundo lugar, não se pode perder de vista que Portugal, no início do século XX, apresentava-se como um país dependente das demais potências européias, principalmente da Inglaterra. Essa dependência ligava-se diretamente ao seu tardio desenvolvimento industrial, fazendo com que sua economia ficasse restrita aos moldes capitalistas de uma estrutura econômica predominantemente agrária. Dessa forma, ainda que existissem alguns resquícios de ordem feudal na vida portuguesa do início de século, especialmente nas regiões campesinas, tais resquícios mais não eram do que plenos sinais de uma decadência.

É, portanto, nesse contexto muito específico da realidade lusitana e, mais especialmente ainda, na forma como essa realidade é retratada por Alves Redol no *Ciclo Port-Wine*, que procuramos desvendar as relações entre público/privado tal qual se apresentam na obra referida.

¹⁸ Sennett, op. cit., nota 6, p. 274.

II

Dentre os componentes espaciais presentes no cenário maior onde se desenrolam os aspectos centrais da narrativa de Alves Redol, a região duriense, dois foram os eleitos: a casa da família Teimas e a praça central da vila.¹⁹

A casa familiar, normalmente compreendida como reduto privilegiado da privacidade, adquire algumas particularidades quando inserida no mundo rural. Como é esse o meio de atuação dos protagonistas da narrativa em estudo, devemos levar em conta que

no meio rural, a casa é a unidade econômica de base. A família e a terra se confundem, e suas necessidades se impõem a seus integrantes. [...] a família constitui uma empresa, a casa forma um espaço de trabalho, e os respectivos papéis dos pais e filhos, dos jovens e velhos, dos homens e mulheres são [...] estabelecidos numa complementaridade.²⁰

Contraposta à narrativa do *Ciclo*, a representação da casa como espaço de trabalho deve ser entendida como uma realocação das tarefas produtivas para a esfera doméstica. Assim, ao contrário de comportar-se como um espaço em que se dá a "reconstrucción de 'yo', el lugar donde el individuo recupera sus energías y se reconforta de las sanciones impostas por outros (o por uno mismo)",²¹ a vida no interior da casa dos Teimas reflete continuamente essas sanções, ainda que mais atenuadas.

São exemplos disso as freqüentes interferências do velho Teimas nos momentos de solidão do seu filho Francisco, sempre a lembrar-lhe de suas responsabilidades e de seu papel como continuador de seu trabalho; e, ainda mais fortemente, o fato de que uma maior permanência neste âmbito doméstico, fora das contingências que a ele mais diretamente se restringem, como lugar das refeições e do descanso mínimo do sono noturno, significam sempre algum caso de doença ou, no caso do patriarca dos Teimas, sinal de sua impotência diante da velhice inexorável. Em *História da vida privada*, lê-se que "a presença dos avós em casa [é] clássica no mundo rural [...] e coloca problemas quando o velho já não pode trabalhar".²²

¹⁹ Tendo em vista a grande diversidade dos locais em que se passam as ações dessa extensa obra de Alves Redol, privilegiou-se aqueles que podem ser considerados como os mais significativos para uma avaliação geral da questão em pauta, tendo em vista estarem associados diretamente à vida das personagens centrais. Eventualmente, outros espaços poderão ser citados, ainda que sempre por alguma referência aos que privilegiamos.

²⁰ Perrot, in Ariès e Duby, op. cit., nota 7, p. 108.

²¹ Béjar, op. cit., nota 8, p. 785.

²² Perrot, op. cit., nota 7, p. 172.

Em *Vindima de sangue*, constata-se essa situação quando, doente, o velho Teimas chega a negar-se a comer, mesmo sabendo o quanto isso prejudicaria a sua saúde, para não ser mais um encargo no mísero orçamento doméstico. Pode-se, portanto, dizer que

a participação integral da família numa mesma atividade econômica acarreta um relativo emaranhamento entre a vida privada e o trabalho produtivo. Emaranhado evidente no plano financeiro: a caixa é uma só [...]. Os dois orçamentos se misturam: o dinheiro que a camponesa gasta para comprar café, chocolate ou um lenço é um dinheiro que pode vir a faltar na hora de pagar o arrendamento ou de comprar gado. A contenção das despesas privadas, portanto, é o principal meio – e muitas vezes o único – de equilibrar as contas do sítio ou de juntar o capital produtivo. O sucesso do empreendimento se constrói sobre o arrocho das despesas domésticas.²³

Lendo-se a citação acima com os olhos voltados para a trilogia redoliana (e, nesse caso, alterando-se a palavra *sucesso* por *sobrevivência do empreendimento*) temos uma situação análoga na economia feita à custa da própria vida pelo velho Teimas. Em uma outra passagem de *Vindima de sangue*, a analogia torna-se mais explícita quando o neto mais velho, Chico, deixa de comprar calças novas para contribuir, com suas economias duramente conseguidas, na contratação de braços para a vindima, já que o pai, Francisco, estava ausente:

O velho estava aturdido de emoção. "Cheios de defeitos, às vezes, mas tinham todos o mesmo sangue. Devia aceitar aquele dinheiro? As calças de bombazina que os contrabandistas vendiam eram o grande luxo dos rapazes namoradeiros da aldeia desde o seu tempo. E era essa vaidade que o neto lhe deixava".²⁴

Por um outro aspecto, também diluem-se as fronteiras entre público e privado, no cenário da casa rural, por sua inserção na identidade aldeã:

"Ser daqui" é reconhecer os elementos que formam uma paisagem: os sinais do céu e do tempo, os limites das propriedades e as histórias que os moldaram. A terra, no sentido mais forte, é o espaço de um relacionamento radical, partilhado e reconduzido, as histórias de família repetidas e repisadas: em suma, um espaço de memória.²⁵

A memória do velho Teimas traz à tona o perfil de atuação pública dos membros da família. Não é outro o motivo que o leva a ganhar sua alcunha, passada, inclusive, ao filho (ainda que somente ao final da trilogia ele a confirme).

²³ PROST, Antonie. *História da vida privada*. Op. cit., nota 7, v. 5, p. 26.

²⁴ REDOL, António Alves. *Vindima de sangue*. Lisboa: Europa-América, s.d., p. 77.

²⁵ Perrot, op. cit., nota 7, v. 4, p. 312.

O campo, contudo, "não ignora nem a intimidade nem o segredo [ainda] que estes [não sejam] inerentes a um espaço demasiadamente aberto".²⁶ Limitando esse espaço amplo exterior, a casa rural também tem seus sons modulados pelos "gritos e cochichos, risos e soluços sufocados, murmúrios, ruídos de passos que se espregitam, ranger de portas [...] [sendo que] o sexo está no coração de seu segredo".²⁷ Por esse ângulo, nada mais representativo do que as cenas do amor proibido de Francisco e Gracinda – foi no quarto dele em que pela primeira vez os amantes não refrearam um primeiro contato íntimo; era no quarto dela que consumavam sua paixão.

A estrutura aldeã, todavia, faz com que, fora desse restrito espaço de privacidade, seus membros sempre estejam à vista uns dos outros: qualquer transgressão está ameaçada pelo julgamento alheio. Assim, para Francisco e Gracinda todo cuidado era pouco, pois, no mundo aldeão, em que todos se conhecem, não é fácil se escapar do peso da vigilância. Em *Os homens e as sombras*, a cena que mostra Gracinda decidida a procurar o cunhado para romperem seu caso definitivamente, uma vez que seu marido retornara do Brasil, é bastante ilustrativa no tocante a essa vigilância constante:

Mal chegou a manhã, abalou pelo quelho abaixo, convencida de que resolveria tudo naquela conversa. "Não tinha forças para viver mais tempo na incerteza; passara toda a noite a pensar no que lhe deveria dizer e sabia que perante o cunhado só precisava de ter convicção."

Envolvida em seus pensamentos, nem sequer reparou num grupo de mulheres sentado a um portal.

– Parecez outra, Gracinda – disse uma delas. – Desde que veio o teu homem, é um milagrezinho ver essa cara.

– É dos seus olhos, Tia Mariana – respondeu a querer sorrir, para não mostrar as preocupações em que ia.²⁸

Assim, sair pela vila significa expor-se e aceitar as regras de convívio que se estabelecem entre a vizinhança:

O convívio define bem um espaço de transição entre o privado e o público. Seu fundamento é o caráter ao mesmo tempo inevitável e imprevisível do encontro com o outro. Sair de casa é se expor, sem saber exatamente quem vai se encontrar. O encontro não é de ordem privada; não é escolhido, ocorre num local público e geralmente se limita a banalidades e lugares-comuns. Mas não se pode evitar um

²⁶ Idem, *ibidem*, p. 312.

²⁷ Idem, *ibidem*, p. 310.

²⁸ REDOL, António Alves. *Os homens e as sombras*. Lisboa-Europa América, s.d., p. 161.

envolvimento pessoal nesses encontros: o outro sabe quem é e onde mora a pessoa, conhece o cônjuge, os pais, os filhos. [...] [Por isso] esse espaço é marcado por certa teatralidade e a pessoa sempre está encenando em maior ou menor grau.²⁷

Na verdade, estabelece-se um tenso equilíbrio nesse convívio social marcado pela vigilância e teatralidade – a contraposição positiva se reflete quando da organização solidária dos membros da coletividade, sempre que chamados a resolverem conflitos ameaçadores ao grupo. É justamente nesse sentido que o espaço da praça, tal como construído nos romances do *Ciclo Port-Wine*, torna-se revelador e significativo, pois é a partir dele que muitas decisões coletivas são tomadas. A praça é o lugar do encontro e da pulsação latente da força e da fraqueza do povo: fraqueza quando os seus componentes vêem-se ludibriados pelas artimanhas da comercialização do vinho, quando o burburinho da praça serve como termômetro avaliativo dos futuros sucessos ou fracassos nos negócios; força coletiva, quando o povo consegue ultrapassar seus interesses pessoais em prol de sua união contra os Jerônimos, os Baraonas e as forças governamentais da exploração.

O espaço, enquanto importante elemento do universo diegético redoliano, e a forma como alguns de seus componentes foram construídos nessa narrativa²⁸ permite afirmar que, em sua composição, dá-se uma insurgência da esfera coletiva sobre a privada. Do mesmo modo e mais intensamente, pode-se examinar essa insurgência a partir da ação das personagens.

Nesse sentido, a relação vida privada/vida pública daqueles que representam os extratos superiores da realidade social presente na trilogia, começa a partir de um ponto referencial: o casamento. Ainda que pertençam a diferentes clivagens da sociedade portuguesa retratada na obra de Alves Redol, tanto a trajetória dos aristocratas decadentes representados pela família Pimentel, como a da burguesia em ascensão, em especial os Freitas, mas também os intermediários como Gonçalves e Silva Costa, e a alta burguesia (Baraona, principalmente), podem ser considerados sob um único prisma tendo-se em vista esse ponto analítico de referência.

Essas observações partem de Engels, em *A origem da propriedade, da família e do Estado*, segundo o qual a família que se erige e dá sustentação ao sistema capitalista, a família nuclear monogâm-

ca, assenta-se sobre interesses que nada tem a ver com a realização amorosa individual. Ao contrário: "o matrimônio [burguês] baseia-se na posição social dos contraentes e, portanto, é sempre um matrimônio de conveniência",²⁹ em que o poder patriarcal exerce-se em nome da propriedade privada, mantida e sustentada pelo direito de herança.

Analisando-se a atuação das personagens que exercem o papel das classes privilegiadas, vemos que o clã Pimentel não foge à situação anteriormente descrita, pois ela acaba impondo-se como a única saída para sua sobrevivência. Mesmo ao abrir mão dos interesses mais específicos de sua classe, tal situação só é reforçada, definindo-se uma estrutura familiar inundada pelas orientações que vêm da esfera pública; a mesma dimensão que tolhe, inclusive, as expectativas de um direcionamento pessoal diferenciado, como os frustrados projetos de D. Afonso.

Igualmente, é o peso desse âmbito externo, público, que limita os objetivos individuais/privados de um Gonçalves, ou de um Silva Costa e que determina os "melhores" caminhos a serem seguidos pelo Dr. Albano. Quando se chega, então, à cúpula dessa pirâmide social, nem se tem mais referências do universo individual de um Baraona – máxima expressão da orientação ideológica da competitividade como rumo natural para a vitória pessoal.

Por essa mesma conformação ideológica, mas no seu lado diametralmente oposto, estão os despossuídos, os camponeses que só têm o seu trabalho para oferecer no mercado: por toda sua condição de miséria, já saíram perdendo nessa corrida pessoal, ou melhor seria dizer, nem há para onde se deslocarem. Daí sua desilusão e incapacidade de construir seus projetos pessoais, como é o caso do Espanhol que precisa sempre adiar seu desejo de se casar com Idalina, a filha do taberneiro, por não possuir recursos para sustentá-la,³⁰ ou de Maria Dolorosa, caída em desgraça quando ousou sonhar com um virtual príncipe encantando, encarnado na figura de D. Afonso.³¹ São essas as personagens que mais se aproximam da visão de Engels com referência ao mundo do proletariado, as únicas que possuem as condições para que sejam possíveis uniões matrimoniais desinteressadas:

²⁷ Prost, op. cit., nota 7, v. 5, p. 116-118.

²⁸ Embora seja difícil de examinar toda a complexidade espacial dessa obra de Alves Redol, cabe acrescentar que a aparição dos variados cenários internacionais dilatam ainda mais a dimensão pública de seu arranjo narrativo.

²⁹ MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Obras escolhidas*. São Paulo: Alfa-Omega, s.d., p. 59.

³⁰ REDOL, Alves. *Horizonte cerrado*. Lisboa: Europa-América, 1981, p. 118.

³¹ *Ibid.*

o amor sexual só pode ser, de fato, uma regra entre as classes oprimidas, quer dizer, em nossos dias, o proletariado, estejam ou não estejam autorizadas oficialmente essas relações. [...] Faltam aqui por completo os bens de fortuna, para cuja conservação e transmissão por herança foram instituídos, precisamente, a monogamia e o domínio do homem; e, por isso, aqui também falta todo o motivo para estabelecer a supremacia masculina. Mais ainda, faltam até os meios de consegui-lo [pois] isso custa dinheiro e, por força da pobreza do operário, não desempenha papel algum na atitude deste para com sua mulher.³⁴

O caso de Maria Dolorosa ilustra a possibilidade do amor sexual como verdadeiro orientador das uniões entre os homens e mulheres oprimidos: quando a personagem, retorna, finalmente, para os "seus", para os de sua classe, pode então vislumbrar um caso amoroso real, apontando para uma união futura, com o trabalhador Sandão.³⁵

Ainda sob esse ângulo, o casal Francisco e Gracinda aparece em uma situação intermediária: se o amor que os une inicialmente é motivado por uma paixão verdadeira, não ficam, contudo, ilesos a interesses que os confundem e embotam essa paixão. Como pequenos proprietários que são, vêm-se às voltas com desconfianças motivadas por problemas de ordem econômica. Podemos mesmo dizer que esses problemas servem de alicerce ora para sua aproximação (Gracinda não hesita em tirar proveito da dívida da qual é credora do cunhado e amante) ora para seu afastamento (até a crise final de rompimento com a partida de Francisco). Somente quando ambos se liberam das amarras econômicas, aproximando-se no ideal da luta coletiva, vislumbram, finalmente, a possibilidade de concretização do amor, abortado pela morte de Gracinda.

Já personagens como o velho Teimas e o Dr. Pimenta podem ser melhor analisadas, nessa relação entre vida privada/vida pública, sob uma outra ótica. Teimas, verdadeiro "portador de ideologia",³⁶ tem sua atuação individual permanentemente colada a seu perfil público, tanto e a tal ponto, que as suas desgraças pessoais, a morte da esposa e de um filho, são assumidos, na sua avaliação final, como decorrência de sua incapacidade em romper com esse perfil, com seus princípios de amor à terra e ao seu trabalho, transformados em verdadeira identidade. Quanto ao Dr. Pimenta, seu papel de homem público, médico da aldeia, está sempre acima de

³⁴ Marx e Engels, op. cit., nota 31, p. 59.

³⁵ REDOL. Alves. *Vindima de sangue*. Op. cit., nota 24, p. 332-333.

³⁶ Cf. Torres, op. cit., nota 16.

sua vida pessoal, constantemente invadida pelos pedidos de socorro da população pobre, a quem não hesita em auxiliar, apesar de algumas reclamações de sua esposa.

Existe, no entanto, um outro fator que desnuda ainda mais as relações que se estabelecem entre as ações individuais/privadas e coletivas/públicas das personagens. Trata-se do próprio redimensionamento do romance neo-realista a partir do final dos anos quarenta de nosso século, quando às suas personagens são incorporados vetores do existencialismo sartreano. Esse estudo foi pormenorizadamente apresentado na obra *Alves Redol e o Neo-Realismo Português*, de Ana Paula Ferreira, segundo a qual

Ao penetrar de modo mais sistemático no drama psíquico, o romance neo-realista postula [...] a questão da liberdade humana em termos que transcendem uma preocupação meramente psicológica ou filosófica. Frente aos impasses deterministas correspondentes tanto ao marxismo como à psicanálise, postula-se, assim, desde o interior do próprio "eu", a idéia de Sartre segundo a qual o destino do homem está nas suas mãos. Independentemente dos condicionalismos de ordem social, econômica e psicológica representados com certa minúcia denunciadora, torna-se patente quanto o indivíduo, longe de atribuir a causa dos seus actos a forças abstratas ou exteriores a si próprio, pode e deve levar a cabo o gesto autoliberador que o confronta com a dimensão da responsabilidade coletiva de seus atos. Os conflitos do "eu" tornam-se, assim, locus ou veículo primordial da mensagem humanista que compete ao romance comunicar.³⁷

Segundo os passos dessa autora, cabe ressaltar que, nos romances que compõem o *Ciclo Port-Wine*, a relação entre a vida psíquica, individual/privada do sujeito e sua postura frente à esfera da vida coletiva/pública é exemplarmente construída no caso de Francisco Teimas, pois, "apesar da insistência com que o conflito interior da personagem aflora à superfície do texto, Francisco é único [...] que evolui psicológica e, em consequência, ideologicamente".³⁸

A evolução da personagem passa por três momentos principais, desdobrando-se, respectivamente, nos três volumes componentes do *Ciclo*: no primeiro, Francisco caracteriza-se como um indivíduo egoísta, alienado, mergulhado nos seus antagonismos com o pai, os quais refletem suas raízes edípicas e levam-no ao amor obsessivo pela cunhada Gracinda. No segundo, quando o marido da amante retorna para a aldeia, o protagonista passa por

³⁷ Ferreira, op. cit., nota 2, p. 181.

³⁸ *Ibid.*, p. 196.

uma "verdadeira crise psíquica em que a amante traidora é associada com a figura materna e seu marido, Antônio Francisco, com a paterna".³⁹ O desejo de vingança, frustrado, abre-se, no terceiro romance, como a possibilidade de renovação interior de Francisco e a "escolha de uma nova experiência alucinatória como ponto decisivo, catártico, na evolução psíquica da personagem é instrumental para a mensagem ideológica que a sua figura comporta".⁴⁰ Essa passagem refere-se ao momento em que Francisco acorda após um pesadelo em que sente repulsa de si mesmo na sua imagem onírica de assassino (*Vindima de sangue*, p. 27-33). A partir desse momento, é como se a morte do outro coincidissem "com a morte desse 'eu' dividido e alienado",⁴¹ preparando-o para a busca de uma nova identidade, refletida na sua decisão de se afastar da aldeia e de todo seu passado. Essa decisão possibilita sua cura psíquica por um outro aspecto:

o terreno não familiar tem uma função positiva na vida de um ser humano. Essa função é a de acostumar o ser humano a correr riscos. [Isso lhe dá] a chance de enriquecer suas percepções, a sua experiência, e de aprender a mais valiosa de todas as lições humanas: a habilidade para colocar em questão as condições já estabelecidas de sua vida.⁴²

É a partir do contato com outras realidades, com outros trabalhadores, que Francisco passa a revalorizar sua atuação como membro da sua família e, por consequência, como indivíduo atuante em sua aldeia. Chega-se, então, ao ponto fundamental dessa relação individual/privado e coletivo/público: "as situações em que a personagem é colocada na etapa final da sua evolução psicológica demonstram até que ponto a ação coletiva responsável depende de um sujeito íntegro, não dividido pela paixão ou o medo".⁴³

Em complementação ao trecho acima destacado, pode-se afirmar que, em igual medida, é somente quando o indivíduo reconhece a importância de sua atuação consciente na esfera pública, que essa atuação torna-se mais efetiva e eficaz, e tanto mais enriquecido interiormente, no seu âmbito privado, será o sujeito. Esse processo, que pode ser designado como a necessária construção dialética do indivíduo, é um dos sentidos procedentes na trilogia *Ciclo Port-Wine*, de Alves Redol.

³⁹ Ferreira, op. cit., nota 2, p. 197.

⁴⁰ Id., ibid.

⁴¹ Ibidem, p. 198.

⁴² Sennet, op. cit., nota 6, p. 359-360.

⁴³ Ferreira, op. cit., nota 2, p. 198.

Referências bibliográficas

- ÀRIES, Philippe; DUBY, Georges (org.). *História da vida privada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v. 4 e 5.
- FERREIRA, Ana Paula. *Alves Redol e o Neo-Realismo português*. Lisboa: Caminho, 1992.
- GOLDMANN, Lucien. *Dialética e cultura*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Obras escolhidas*. São Paulo: Alfa-Omega, s.d.
- PROST, Antonie. *História da vida privada*. In: ÀRIES, Philippe; DUBY, Georges (Org.). *História da vida privada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v. 5.
- REIS, Carlos. *O discurso ideológico do Neo-Realismo português*. Coimbra: Almedina, 1983.
- REDOL, Alves. *Horizonte cerrado*. Lisboa: Europa-América, 1981.
- . *Vindima de sangue*. Lisboa: Europa-América, s.d.
- SENNETT, Richard. *O declínio do homem público - as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.